

DIÁLOGO MÍSTICO

Mário Cláudio*

De TEORIA DAS NUVENS

O último suspiro do carmelita descalço, o último dos últimos, toca matinas no sino do templo mais próximo, ou no carrilhão do Céu alcançado, o que vale igual, no preciso instante em que num outro Convento da Cidade, o das Clarissas, se retiram do forno as bolachas de laranja, saboreadas pelos esbeltíssimos anjos de El Greco entre vergastas de luz. Nenhum dedo decalca as direcções sobre o mapa desdobrado, e enquanto os pássaros se despedem do Verão com cantorias que se esbatem, quebra-se a linha da errância de Guilherme, e eis que descobre ele a “noche oscura” no reencontro com o seu dia-a-dia.

Guilherme alija a mochila empoeirada, escanhoa-se detalhadamente, e mergulha na tina lustral. Compreendendo que não deve adiar a sua presença, dirige-se ao apartamento de Bárbara, levando-lhe de lembrança o queijo que adquire no mini-mercado, o qual, uma vez removido o rótulo, passa perfeitamente por “manchego”, e comprado na origem. A visita à bibliotecária pesa-lhe no entanto desconfortavelmente, sendo como se se despedisse da Serra de Segura, e do roteiro de celas entenebradas, e de clarões do Absoluto, em tardes de canícula, e em noites de nevão. Mas ao premir a campainha, algo se lhe resolve no íntimo, e eis que reata o seu trem de vida como se jamais o tivesse interrompido.

Ela entreabre-lhe a porta de ferros de garantida segurança, guia-o pela mão até à cama onde muito espaçadamente se relacionam, e aponta na mesinha de cabeceira uma pequena caixa rectangular, de estanho, com um *R* gravado na tampa entre um diadema de malmequeres. “São as cinzas do Renatinho”, proclama com soberana tranquilidade, e o pensamento dele voa a Jorge de

Sena, e ao poema que lamenta o destino *post-mortem* do cadáver de São João da Cruz. Como numa oração pelo infante defunto murmura o seguinte, mas ela não se apercebe, “Incorrupto, sem braço e sem pernas / no sepulcro (informa o frade) horrendo. / Porque o não deixaram com pernas e com braços / naquela cova de rocha viva como a chama / de que ardeu? Como caminha nos jardins / do Esposo da sua Alma? Num carro / de rodas e com braços de ortopédico?”

Semelhante a uma cariátide, hirta e serena, Bárbara tece esta litania, “O menino entra em convulsões ao fim da manhã de Sexta-feira, chega o 112, e vou com ele na ambulância até à Urgência.” Sem alento continua, “Não consentem que o acompanhe, fico à espera, aparece a Paula que sai de um táxi, o médico toma-me pelo pulso, e o Renatinho está deitado, lindo como nunca, com uma lágrima que lhe escorre do olhinho direito, o que não fecha por completo, como uma gotinha de cristal.”

Estende os dedos para afagar a caixa de estanho, e como que segredando a si mesma, investe por um relato assim, “Enxoto os que se aproximam do menino, acaricio-lhe o cabelinho encaracolado, beijo-lhe a boquinha, e ele cheira ainda ao sabonete do banho.” Retendo um soluço, narra em pormenor, “Mando vir pela net um fatinho de linho branco com coletinho e tudo, uma gravatinha preta, e custa-me um balúrdio que não choro, mas que me parece um abuso.” Acrescenta quase inaudivelmente, “Escolho a urnazinha que se me afigura, não de madeira, mas de cetim, macia como a pétala dessas camélias da qualidade *Alba plena*, e meto o corpinho dentro.”

“O menino é velado no tanatório donde se avista o mar e o céu”, desabafa Bárbara como num sonho, recusa a *Ave Maria*, de Gounod, que a funerária pretende impingir-me, executada por um terceto com uma rapariga soprano, muito loira, selecciono a gravação de um quadro do *Carnaval dos Animais*, de Saint-Saëns, a dança dos flamingos que o Walt Disney aproveita para um filme que me encanta em miúda, quando a televisão o transmite. “Sinto-me

bem”, resume ela, “não reparo nas pessoas que me falam, e arrasto pelo chão a minha écharpe, estampada com aves-do paraíso.”

“Três dias depois”, noticia com naturalidade, “surge-me o menino em forma de anjinho, empurra-me por eu não o reconhecer de imediato, muito travesso, caio para a frente, descortino-o nas alturas, no coro das crianças musicais, andamos agora sempre juntos, Renatinho e eu, como disse sinto-me bem, e na verdade como posso sentir-me melhor?, até amanhã, até amanhã.”

(Nota do Autor: Fragmento do romance Teoria das Nuvens, inédito ainda.

A convocação de Jorge de Sena não é circunstancial, mas estruturante do discurso.)

* Nasceu no Porto. Licenciou-se em Direito, é diplomado com o Curso de Bibliotecário-Arquivista, e possui o grau de *Master of Arts* pela Universidade de Londres. Tem uma vasta obra literária nas áreas de ficção, teatro, viagem e tradução, pela qual recebeu vários Prémios, entre eles o Prémio Pessoa, em 2004.